

## **notícias de um pensador: a coragem da verdade e o pensamento libertário de michel foucault | tony hara\***

Frédéric Gros (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo, Parábola Editorial, 2004, 268 pp.

Margareth Rago. *Foucault, História & Anarquismo*. Rio de Janeiro, Achiamê, 2004, 87 pp.

O jornalismo radical empreendido por Michel Foucault não cessa de surpreender e de se desdobrar de múltiplas maneiras na atualidade. O trabalho de diagnosticar as forças que sublevam e de tornar visível o que não se vê, justamente, por estar tão próximo e colado a nós mesmos, parece ser cada vez mais urgente. É necessário, nessa época confusa na qual se implementa o controle social à distância, fazer aparecer as novas estratégias de monitoramento e controle das formas de conduta. Mais ainda, o legado intelectual de Michel Foucault é fundamental para compreender as recentes configurações do espaço político gangrenado por palavras de ordem politicamente corretas e completamente vazias, como rezam os manuais de marketing.

Fazer a história do presente, atuar na atualidade, com coragem. As últimas aulas de Foucault no Collège de France (1983-1984) foram consagradas ao estudo da *par-résia* e levaram o título de “A coragem da verdade”. Quem dá notícias desses últimos cursos de Foucault, ainda não publicados, é o professor Frédéric Gros da Universidade

\*Jornalista e Doutor em História pela Unicamp. Publicou *Caçadores de notícias: história e crônicas policiais de Londrina* (Editora Aos Quatro Ventos) e a biografia do poeta Paulo Leminski para a coleção *Rebeldes Brasileiros* (Editora Casa Amarela).

Notícias de um pensador: a coragem da verdade...

de Paris-XII. Em novembro do ano passado, ele esteve no Brasil a fim de participar do *Colóquio Internacional Foucault: 20 anos depois*, organizado por Margareth Rago. Nesta ocasião, Frédéric Gros abriu os trabalhos do Colóquio com uma conferência centrada no problema do “Cuidado de Si”, enfatizando as repercussões e as virtuais transformações que esse antigo exercício ético grego pode provocar na moral e no jogo político dominante da modernidade.

**A Coragem da Verdade.** Além da conferência de abertura do Colóquio — que contou com a participação de mais de 30 intelectuais especializados na obra de Foucault —, o professor Frédéric Gros trouxe também na bagagem um livro organizado por ele, intitulado *Foucault: a coragem da verdade*. Os seis ensaios que compõem o livro destacam, sob diferentes perspectivas, um antigo problema que assombra a atividade intelectual. A saber, o problema do cruzamento, da aliança entre a teoria e a prática, entre o que se diz e o que se faz, entre a verdade e a vida. É por isso que Frédéric Gros reconhece nos estudos de Foucault sobre a *parrésia* na cultura grega, algo mais do que uma nova invenção conceitual. Trata-se, segundo seus termos, de uma “grade de leitura da obra e da vida enquanto indissociáveis, aquilo que, simultaneamente, fundamenta a escrita de livros e a ação política” (p. 12). Em outros termos, seria a retomada de um ponto de articulação entre os discursos e as ações e, o reconhecimento de critérios éticos, e não lógicos, para a avaliação da legitimidade e da validade de uma opinião. O critério de verdade, em última análise, encontra-se na absoluta e visível correspondência entre o dizer e o fazer, daí a questão da coragem, da conexão entre coragem e verdade.

Como explica Michel Foucault a *parrésia* é um tipo de atividade verbal na qual o falante arrisca a vida ao manifestar sua relação pessoal com a verdade, por meio do fa-

lar francamente. “Na parrhesia — afirma Foucault —, o falante faz uso de sua liberdade e opta por falar francamente em vez de persuadir, pela verdade em vez da mentira ou do silêncio, pelo risco de morte, em vez da vida e da segurança, pela crítica, em vez da bajulação, pelo dever moral, em vez de seus interesses e da apatia moral”. O dizer verdadeiro é, na parrésia, um dever, uma obrigação que visa tanto a transformação da subjetividade daquele que pronuncia o ato de verdade, quanto a transformação dos outros, que também devem ter, pelo menos entre os estóicos, coragem para ouvir e participar francamente do confronto. Neste jogo a relação corre um sério risco de se romper, pois é aceito entre os participantes o desafio e as possíveis hostilidades que emergem do conflito.

É interessante destacar que nos dois primeiros artigos do livro, assinados por Phillippe Artières e Francesco Paolo Adorno, a noção da *parrésia* é utilizada para a construção e o entendimento da própria figura de Michel Foucault, enquanto intelectual que procurou incessantemente articular as intervenções na cena política com o trabalho filosófico. Ressalta-se nessas abordagens a coragem do diagnosticador do presente, do ativista político engajado em lutas específicas, do corpo a corpo com os aparelhos de controle e, finalmente, a coragem de romper com a função e com as representações já desgastadas e pouco efetivas de intelectual universal. Segundo os autores, Foucault rejeita, não sem provocar polêmica, a figura do intelectual enquanto consciência universal da sociedade. O papel do intelectual não é dizer aos outros o que eles devem fazer ou modelar suas vontades políticas, afirma Foucault, mas, a partir de uma análise de um campo específico “reinterrogar as evidências e os postulados, abalar os costumes, os modos de fazer e de pen-

Notícias de um pensador: a coragem da verdade...

sar, dissipar as familiaridades admitidas e, a partir dessa reproblemática, participar da formação de uma vontade política.”

O organizador do livro, Frédéric Gros, encerra a coletânea com um artigo repleto de surpresas e de inquietantes relatos e análises sobre as últimas aulas de Foucault, dedicadas ao problema da *parrésia* no contexto da filosofia cínica. O filósofo se interessou pela trama elaborada pelos cínicos gregos entre um estilo de vida despojado, portanto descolado das convenções, e um certo uso da fala, que se caracterizava por ser rude, áspera e provocadora. Em um jogo insinuante de comparações, Gros sugere um deslocamento vivido por Foucault em suas últimas pesquisas. Em síntese, trata-se do trânsito entre o tema do *cuidado de si* para o da *coragem da verdade*. Talvez, mais do que uma passagem de um problema para o outro há, efetivamente, um movimento de tensionamento entre duas formas, radicalmente, diferentes de relacionar a vida e a verdade. De um lado a ética estoíca, junto com as técnicas de cuidado de si, que estabelecem uma harmonia ideal entre a vida e a verdade. A ética estoíca, segundo Gros, era uma ética da correspondência regrada, disciplinada, ordenada entre a ação e o discurso. Já entre os cínicos, “trata-se de fazer explodir a verdade na vida como escândalo(...). Tornar diretamente legível no corpo a presença explosiva e selvagem da verdade nua, de fazer da própria existência o teatro provocador do escândalo da verdade” (p. 163).

Como se percebe, dois sentidos diferentes de verdade que determinam duas formas singulares de estilização da vida. Uma mais persistente, paciente, na qual a vida é regulada por princípios verdadeiros apesar do caos, dos acasos e golpes do destino. No estilo de vida cínico, a verdade é vivida como escândalo, o corpo se torna o espaço de manifestação da verdade, daquelas verdades que,

como afirma Gros, todos conhecem e ninguém se dá o trabalho de viver.

**Foucault, História & Anarquismo.** Foucault encontra as atualizações da atitude cínica de viver e de dizer a verdade de forma provocadora, em certas manifestações, como por exemplo, em algumas correntes do ascetismo cristão, entre os artistas modernos que rejeitavam, a-gressivamente, as normas e convenções sociais e, em certos movimentos revolucionários do século XIX, como o anarquismo.

O que há em comum entre essas manifestações é a atitude provocadora, ousada, que gera um certo incômodo e desconforto àqueles que se afundaram na passividade e no sossego das idéias prontas. Essa energia expansiva, atrevida, profundamente libertária, atravessa os textos da historiadora Margareth Rago que buscam tecer as possíveis relações entre o pensamento foucaultiano, o anarquismo e a História. Ao justificar um dos ensaios que compõem o livro, o recado é direto e fulminante: “ainda muito indignada com a falta de abertura dos historiadores diante de um pensamento tão energizado, radical, libertário e aberto à diferença, tive declarada intenção de apresentar o filósofo para os jovens estudantes insatisfeitos com concepções históricas autoritárias, excludentes, ensimesmadas e, portanto, insuficientes para enxergar e problematizar nosso presente” (p. 11)

Há, nestes artigos, um irrefreável instinto de liberar a História das concepções tradicionais, do modelo antropológico da memória e das lentes inadequadas que embaçam a visão que se tem da atualidade. O método genealógico, criado pelo filósofo francês, torna-se no texto de Margareth Rago um instrumento muito sensível, que flagra os mais sorrateiros sonhos dos historiadores tra-

Notícias de um pensador: a coragem da verdade...

dicionais. Isto é, o desejo de uma síntese totalizadora, de uma identidade estável portadora da consciência histórica, a ilusão de alcançar a realidade objetiva e a essência das coisas, os procedimentos de exclusão dos acontecimentos que não se encaixam na linha de continuidade preconcebida e as promessas de um futuro redentor.

A desconstrução, a crítica a esses mitos que por tanto tempo habitaram o mundo dos historiadores, tem como objetivo o reconhecimento das linhas de fuga na atualidade. Como alerta a autora em diversos momentos, não se pretende com as críticas provocadoras estimular um sentimento de desprezo em relação ao passado. Mas, ao contrário, pretende-se criar condições para que se efetue um reencontro com a tradição libertária do pensamento soterrada por essas visões autoritárias e metafísicas da História.

Para além desse reencontro com a tradição libertária, Margareth Rago sugere um outro movimento: a reinvenção dos antigos libertários como estratégia para fugir da alienação da atualidade e da obediência ao totalitarismo. É por causa disso, talvez, que as suas reflexões sobre a experiência anarquista e sobre a constituição de subjetividades anárquicas soem tão estranhamente belas. Belas porque fogem ao campo restrito da produção intelectual e afetam o plano da vida. Há livros que inevitavelmente nos levam para além dos livros.